

ORAÇÕES QUE MANIFESTAM A RELAÇÃO DE COMPARAÇÃO: O(S) USO(S) DE *FEITO, TIPO E IGUAL*

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

O presente trabalho reúne os resultados de três estudos que vem sendo realizados separadamente sobre os usos de *feito*, *tipo* e *igual*, que se vinculam ao Projeto *Uso(s) de conjunções e combinação hipotática de cláusulas* da linha de pesquisa *Língua e sociedade: variação e mudança* do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Adotando uma perspectiva funcional-discursiva, conta com a contribuição dos alunos e bolsistas de Iniciação Científica Felipe de Oliveira Tota, Heloíse Vasconcelos Gomes Thompson e Marcella Pimentel Bijani, sob minha orientação.

Inicialmente, apresenta-se uma breve revisão sobre as orações comparativas na literatura vigente bem como de seus possíveis introdutores, depois se faz uma análise dos usos dos itens antes mencionados com base em estudos mais recentes e na teoria funcionalista, a fim de demonstrar que estes podem introduzir orações comparativas e, por fim, com base nos conceitos de gramaticalização, conector e, ainda, à luz dos resultados preliminares dessas pesquisas, defender o *status* de *feito*, *tipo* e *igual* como conectores.

Normalmente, os critérios adotados para se definir a comparação são semânticos e/ou formais. Pelo critério semântico, denominam-se orações comparativas as que expressam o resultado de uma comparação entre dois conceitos, que, do ponto de vista do *modo*, *qualidade* ou *quantidade* dos mesmos, aparecem como semelhantes, iguais ou desiguais. Já pelo critério formal, consideram-se comparativas as estruturas em que há, no primeiro segmento da comparação, intensivos do tipo *mais*, *menos* ou *tanto* e em que o segundo seja introduzido por *que*, *de* ou *como*.

A maioria das gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa analisa as orações comparativas como um subtipo das subordinadas adverbiais, e pouco espaço tem sido reservado ao seu estudo. Vejam-se as orações destacadas a seguir:

(1) (*Fala de Henriqueta*) *E eu declaro que te hei de seguir [como a sombra segue o corpo...]* (ACS)

(2) (...) *lá não há, não tem bom tempo [como aqui.]* (MBMB - BEJA - PE)

No âmbito da gramática tradicional, as orações entre colchetes são classificadas como *subordinadas adverbiais comparativas*, visto que são introduzidas pela conjunção subordinativa comparativa *como*. No entanto, há um aspecto que as distingue – em (1), não se omite o predicado da oração subordinada adverbial comparativa - *seguir*; em (2), omite-se o predicado por ele ser o mesmo da oração principal - *ter*. Assim, subentende-se que o período em questão seja: *lá não há, não tem bom tempo [como (tem) aqui]*.

Por meio desses dois exemplos, constata-se que há tanto casos que envolvem elipse de SV quanto aqueles que não, mostrando que o comportamento sintático dessas estruturas não é uniforme. O fato de as *orações comparativas*, na sua maioria, envolverem o fenômeno da elipse – há comparativas elípticas -, embora nem sempre seja possível retomar o elemento elíptico, é um dos aspectos que pode justificar a necessidade de uma melhor descrição do comportamento das chamadas *orações comparativas* na Língua Portuguesa.

Neves (2000), dentro da visão de uma gramática de usos, caracteriza as construções comparativas, do ponto de vista sintático, pela interdependência de dois elementos e, do ponto de vista semântico, pelo cotejo desses dois elementos. Sendo assim, tais construções são formadas, para ela, de uma oração nuclear ou principal e uma *oração comparativa*, que constitui o segundo termo da comparação em relação à principal, isto é, compõem-se do somatório de duas partes: o primeiro termo da comparação e o segundo termo da comparação.

Neves (2000, p.900) divide as construções comparativas em dois tipos principais: as construções comparativas correlativas e as construções comparativas não-correlativas. As do primeiro tipo podem exprimir relações de igualdade e desigualdade, e as do segundo, iniciadas por conjunção ou locução conjuntiva, indicam igualdade, o que determinou, por sua vez, o estabelecimento de dois subtipos: as construções comparativas de igualdade e as construções comparativas de desigualdade.

Assim como a grande maioria dos estudiosos consultados, Neves (2000, p.897) afirma que geralmente a *oração comparativa* apresenta elipse de termos, mas se distingue deles ao apontar modos possíveis de reconstrução desse segundo elemento da comparação quando este estiver elíptico: *recuperação no contexto (cotexto precedente ou situação); recuperação no conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte*.

A constatação de que às vezes a *oração comparativa* pode estar totalmente elíptica e não apenas um dos seus termos, conforme antes exposto, também diferencia o trabalho dessa autora dos demais. Como se viu, a *oração comparativa* poderá ser reconstituída ou a partir do contexto ou do conhecimento compartilhado entre os interlocutores. No entanto, nem sempre essa reconstituição pelos falantes acontecerá da mesma forma, visto ser subjetiva.

Como se observa, as construções comparativas não têm recebido interpretação uniforme. Para se definir comparação, ora se aplicam critérios estritamente semânticos, ora formais e ora se combinam os dois. Sendo assim, como analisar os usos ilustrados a seguir?

(3) *quando a gente viaja... se é de carro eu vou do lado do meu marido [feito co-piloto...] então aquilo eu freio junto com ele...*

Reescritura: eu vou do lado do meu marido [**como** co-piloto... (vai)]

(4) #D - *como é que se cha/ chama aquilo que que fica grudado na pedra?*

#I - *ela se ela ela ela se se alimenta duma duma semente que tem no mar é tipo um: é [tipo uma planta]*

Reescritura: é tipo um: é como uma planta [**como** um planta (é)]

(5) #D- *o que que é canavieira?*

#II - *essa canavieira é [igual eu falei] essa canavieira foi um rapaz aqui de Itálva há muitos anos*

Reescritura: essa canavieira é [**como** eu falei]

Em (3), *feito* assume a função de conjunção, ligando duas orações. É um verbo (palavra lexical plena) que desenvolveu a função de conjunção (palavra gramatical). Em (4), *é tipo*, um substantivo (palavra plena), que desenvolveu a função de conjunção. Já em (5), *igual*, um adjetivo (palavra plena), assume a função de conjunção. Esse tipo de mudança implica alterações morfológicas, semânticas e sintáticas. Mudanças como essas podem ser explicadas à luz do conceito de gramaticalização, processo que leva itens lexicais e construções sintáticas a assumirem (novas) funções referentes à organização interna do discurso.

Sendo assim, neste estudo, pretende-se fazer uma descrição de construções comparativas como as listadas em (3), (4) e (5), em cotejo com aquelas descritas pela tradição, principalmente no que tange ao uso(s) da(s) conjunção(ões). Portanto, parte-se da hipótese de que *feito*, *tipo*, *igual* ao assumirem a função de conjunção podem introduzir orações comparativas.

O quadro teórico em que se sustenta o trabalho provém de estudos funcionalistas, segundo os quais as estruturas comparativas não são construções uniformes e passam por um processo de mudança.

O Funcionalismo estuda a relação existente entre a estrutura gramatical das línguas e os contextos comunicativos de seu uso. Tal teoria parte do pressuposto de que a linguagem é uma atividade sociocultural e que as gramáticas são emergentes, ou seja, estão em constante transformação (cf. Givón, 1995). De acordo com os funcionalistas, a gramática toma forma a partir dos usos que os falantes/usuários fazem da língua em situações comunicativas reais.

Para Barreto (1992, p.282), no que se refere às conjunções, “pode-se afirmar não haver uma separação nítida entre conjunções coordenativas e subordinativas, mas um contínuo que vai da coordenação à subordinação por excelência, havendo, em cada grupo de conjunções, os protótipos, isto é, as que preenchem as características básicas de cada grupo.”

Essa mesma autora (Barreto, 1999) ressalta, ainda, que a maior parte dos itens conjuncionais portugueses vem experimentando, ao longo do tempo, processos de gramaticalização. Em outras palavras, a gramaticalização é um processo que ocorre continuamente na história da maioria dos itens conjuncionais da Língua Portuguesa. Por pressão pragmático-discursiva, ou, de acordo com as necessidades do falante em situações reais de comunicação, itens conjuncionais deixam de ser empregados, são substituídos por outros, assumem outros ou novos valores semânticos.

Decat (2001, p.123) assinala, por sua vez, a possibilidade de ocorrer um “esvaziamento semântico” de algumas conjunções ou locuções conjuntivas e que esse esvaziamento pode ser observado não só na língua oral, em que é mais comum, mas também na língua escrita.

Existe, portanto, possibilidade de diferentes inferências entre as cláusulas iniciadas por um único tipo de conjunções. O que importa é o tipo de proposição relacional que emerge da articulação de cláusulas e não a

marca lexical dessa relação. A marca do conectivo restringe-se à função de estabelecer um elo entre duas porções textuais ou, entre unidades informacionais.

A motivação para um estudo, enfocando, principalmente, a descrição do(s) uso(s) de *feito*, *igual* e *tipo* que podem funcionar como conjunção subordinativa comparativa e, portanto, ligando a oração subordinada adverbial comparativa à oração principal advém das contribuições dos trabalhos de Barreto (1999), Rodrigues (2001), Mateus et alii (2003) e Casseb-Galvão & Lima-Hernandes (2007).

Barreto (1999, p. 488), ao tratar da gramaticalização das conjunções do Latim ao Português, menciona o emprego dos itens *feito* e *tipo* como conjunção subordinativa comparativa.

Rodrigues (2001, p. 96; 97; 111) destaca o fato de não haver consenso na classificação das conjunções subordinativas comparativas, nem entre gramáticos tradicionais, nem entre os linguistas. Durante sua pesquisa, a autora encontrou outros itens conjuncionais diferentes daqueles normalmente prescritos pelas gramáticas normativas, dentre eles *feito*, como se pode ver no exemplo a seguir:

(a) *Semicúpio – Sim, estou frança, porque estou [feito galo.]* (VDDQ)

Reescritura: estou França, porque estou [**como** uma galo (está)]

Outro caso bastante interessante encontrado pela autora é o de *que nem*, como se vê em (b) e (c) a seguir.

(b) (...) *ái eu gostava de comprar sorvete... sorvete da Kibon custava centavos né... [que nem os de hoje.]*
(INQ. 20 - PB)

Reescritura: sorvete da Kibon custava centavos né... [**como** os de hoje (custam)]

(c) *(Fala de Neiva) Eu ainda vou ter que fazer almoço. Ele deve chegar amanhã, bêbado [que nem um gambá]e com uma fome de comer o mundo.* (NCB)

Reescritura: Ele deve chegar amanhã, bêbado [**como** um gambá (chegaria)]

Digno de comentário é o fato de Cunha & Cintra (1985, p.592) listarem como conjunções comparativas os itens *que*, *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor*, *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*.

Mateus et alii (2003, p.732), em nota de pé-de-página, constata que “há expressões linguísticas que estabelecem comparação, mas não são incluíveis nas construções comparativas canônicas,” citando como exemplo desse caso a estrutura (i) *Ele é [igual ao pai]*. As autoras consideram canônica a construção (ii) *Ele é [como o pai]*.

Percebe-se que *igual* apresenta comportamento similar ao dos casos em que *tipo* e *feito* ocorrem. Para melhor compreender a semelhança entre o(s) uso(s) de *igual* e *tipo*, tem-se as reescrituras (i') *Ele é [tipo o pai.]* ou (ii') *Ele é [feito o pai]*.

Casseb-Galvão & Lima-Hernandes (2007, p.166) afirmam que a forma *tipo* é recorrente no uso cotidiano dos jovens adolescentes em centros urbanos, caracterizando um uso vinculado à modalidade falada da língua e marcado pela estigmatização.

Para uma descrição mais detalhada das diferentes construções em Português que podem estabelecer a relação de comparação, foco desse estudo, coletaram-se dados de três *corpora* distintos e representativos de usos reais da Língua Portuguesa: o *corpus* D&G, disponível no site <http://www.discursioagramatica.letras.ufrj.br/>; o *corpus* do Projeto VARPORT, disponível no site www.letras.ufrj.br/varport, e o *corpus* formado por jornais e boletins da ADUFRJ-SSind, disponível em CD-ROM.

O *corpus* D&G constitui-se de amostras de língua falada e de língua escrita, abrangendo relatos de informantes dos sexos masculino e feminino, e de distintos graus de escolaridade. Analisaram-se 655 (seiscentos e cinquenta e cinco) textos separados em narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

O *corpus* do Projeto VARPORT também engloba as modalidades escrita e falada da língua. A amostra da modalidade escrita abarca anúncios, editoriais e notícias do Português Brasileiro e Europeu dos séculos XIX e XX — e a amostra de fala, tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu, envolve

informantes de diversos níveis de escolaridade e de ambos os gêneros (masculino e feminino), inseridos nas décadas de 70 (setenta) e 90 (noventa), totalizando 1384 (um mil trezentos e oitenta e quatro) textos.

O *corpus* formado por jornais e boletins da ADUFRJ-SSind - Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Seção Sindical - constitui-se de textos escritos de diferentes tipos e gêneros, produzidos de 26 de abril de 1979, data de criação da ADUFRJ, a julho de 2001. Devido a falta de homogeneização quanto ao número de textos publicados em cada exemplar dos jornais e boletins desse *corpus*, a contagem priorizou a quantidade de exemplares e não a de textos. Sendo assim, coletaram-se dados em 554 (quinhentos e cinquenta e quatro) exemplares de jornais e boletins, que, em média, continham 8 (oito) páginas cada um.

O que se verifica com os dados a seguir, extraídos das amostras analisadas, é que em todas as orações comparativas, quer sejam introduzidas por *feito*, por *tipo* ou por *igual*, esses introdutórios podem ser substituídos pela conjunção prototípica *como*. Essa substituição possibilita a equivalência desses itens com a conjunção comparativa *como* em estrutura não-correlata, ou seja, estrutura em que há elipse do verbo da segunda oração, que corresponde ao verbo da primeira, estando ele na forma desenvolvida, conforme indicam as reescrituras.

(6) *Tecnologia é [igual a saber fazer] e só se aprende a fazer, fazendo.* (Corpus ADUFRJ)

Reescritura: Tecnologia é [**como** saber fazer (é)]

(7) #I- *eh as vinhas nós chamamos vinhas de areia são umas vinhas que levam muita mão-de-obra*

#I- *é que é um vinho extra talvez o único no mundo é ramisco*

#II- *é re/ é região única no mundo é deve ser eu tenho já ()*

#I- *e temos a malvasia que é [igual à da madeira]* (Corpus VARPORT)

Reescritura: a malvasia que é [**como** à da madeira (é)]

(8) *...que eu estudava na igreja antes de vir pro colégio... estudar... e tem... tem uns bichinhos de pelúcia também... aqueles macaquinhos... sabe? adoro dormir com macaquinhos do lado... assim... que eu cuido dele [igual uma criança...] eu gosto... e... deixe eu ver mais.* (Corpus D&G)

Reescritura: que eu cuido dele [**como** (cuido de) uma criança...]

A posição dessas estruturas é outro aspecto importante a ser destacado nessa análise. A maioria delas aparece posposta à sua principal, conforme evidenciam os casos a seguir com os itens *tipo* e *feito*.

(9) *Após repassado com caneta nanquim preta, pinte-o por trás com canetinha e lápis pastel é um lápis [tipo lápis de cera,] mas o nome é pastel e custa mas caro que o de cera.* (Corpus D&G)

Reescritura: lápis pastel é um lápis [**como** lápis de cera (é)]

(10) *I: aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí [feito uma louca] ... na escola ... procurando o diretor ... procurando o supervisor ... procurando o porteiro ... alguém que tivesse a chave pra abrir a porta ... aí ninguém tinha a chave ... porque a chave eu tinha jogado fora...* (Corpus D&G)

Reescritura: e sai [**como** uma louca (sai)]

Mateus et alli (2003), ao evidenciarem a imobilidade das orações comparativas, garantem que elas sempre aparecem em posição posposta à oração principal, assim como Rodrigues (2001). Sendo assim, os casos de *igual*, *tipo* e *feito* antes mostrados servem para comprovar a afirmação dessas autoras.

Ilustrando a imobilidade mencionada por Mateus et alli (2003), nota-se, pelo exemplo (10), que o item *feito* tornou-se mais gramatical, já que adquiriu posição mais fixa na sentença e, em tais contextos, não aceita qualquer tipo de flexão. Em outras palavras, quando o item *feito* encabeça uma oração comparativa, não permite nem flexão de número, nem de pessoa. Retomando esse exemplo, uma possível tentativa de reescrevê-lo, com qualquer tipo de flexão, o tornaria agramatical, como se verifica a seguir:

(10') * I: *áí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí [feita uma louca] ... na escola ... procurando o diretor ... procurando o supervisor ... procurando o porteiro ... alguém que tivesse a chave pra abrir a porta ... aí ninguém tinha a chave ... porque a chave eu tinha jogado fora ...*

(10'') * I: *áí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saímos [feitos umas loucas] ... na escola ... procurando o diretor ... procurando o supervisor ... procurando o porteiro ... alguém que tivesse a chave pra abrir a porta ... aí ninguém tinha a chave ... porque a chave eu tinha jogado fora ...*

Apesar de a quantidade de textos ser bastante significativa, o número de ocorrências de *feito*, *igual* e *tipo* não reflete a produtividade do fenômeno em estudo. Contudo, do ponto de vista qualitativo, não chega a constituir um problema para a análise empreendida, posto que a constatação do uso, nesse caso, é mais importante, no momento, do que a sua frequência.

Como evidencia o gráfico 1, como conector, *igual*, distancia-se dos outros itens; em um total de 88 (oitenta e oito) casos, 70 (setenta) são de *igual*; 13 (treze) são de *tipo*; 5 (cinco) são de *feito*.

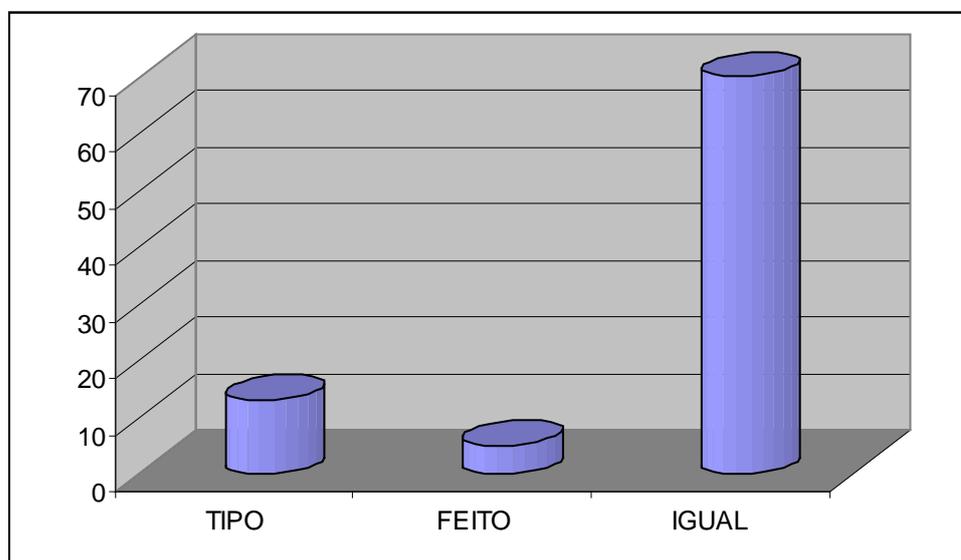


Gráfico 1 – Distribuição dos conectores de comparação

Com base na análise qualitativa de 88 (oitenta e oito) dados reais de Língua Portuguesa, pode-se reiterar o processo de gramaticalização sofrido pelos itens *feito*, *igual* e *tipo* – vocábulos que, originalmente, se incluem na classe de palavras dos verbos, adjetivos e substantivos, respectivamente, e que passam a funcionar como conjunções subordinativas comparativas em determinados contextos comunicativos.

O gráfico 2 permite que se visualize o comportamento de *igual* nos diferentes *corpora* analisados, confirmando a maior frequência de uso desse item em relação aos demais.

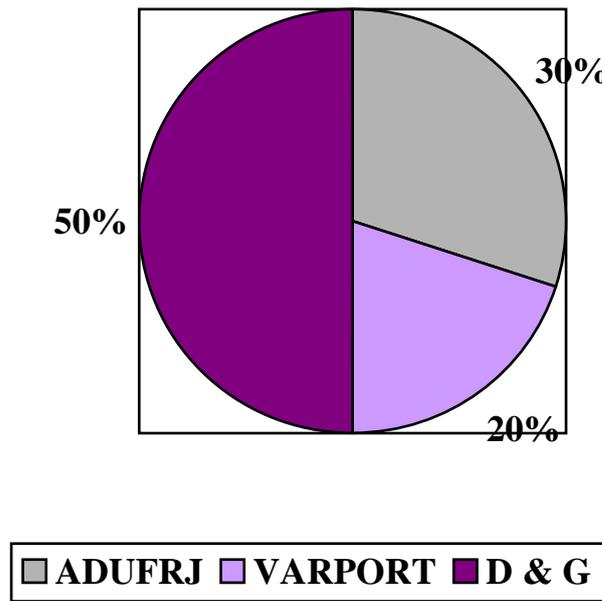


Gráfico 2: Usos de igual nos corpora

O gráfico 3, por sua vez, serve para demonstrar que o uso de *igual* não se restringe apenas à modalidade falada, pois já se pode verificar sua inserção na modalidade escrita.

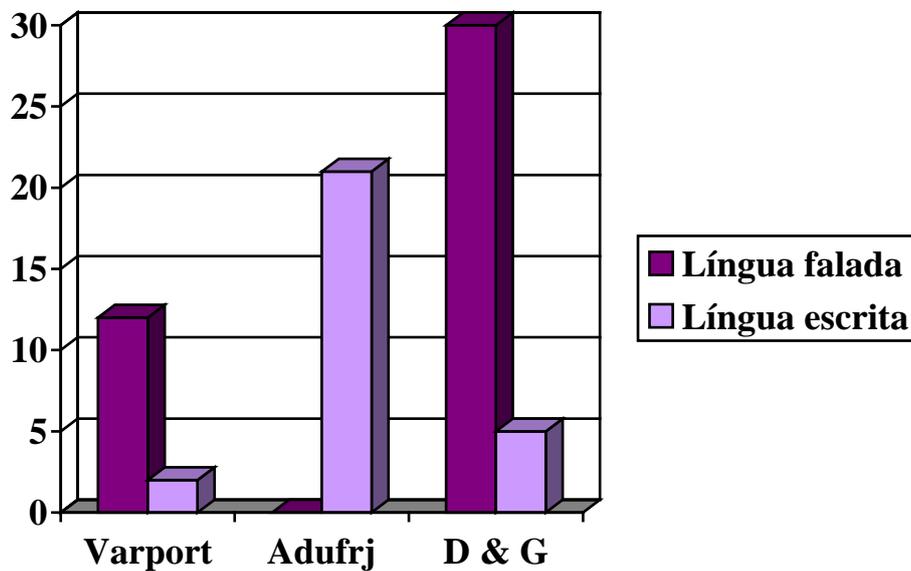


Gráfico 3: Usos de *igual* nas modalidades linguísticas

Após a análise dos textos que constituem os corpora, foram encontrados 13 (treze) casos de orações subordinadas adverbiais comparativas introduzidas pelo item *tipo*, conforme já mencionado. O gráfico 4, a seguir, permite mostrar a distribuição dos dados de *tipo* encontrados em cada corpus tendo em vista a modalidade linguística a que pertencem.

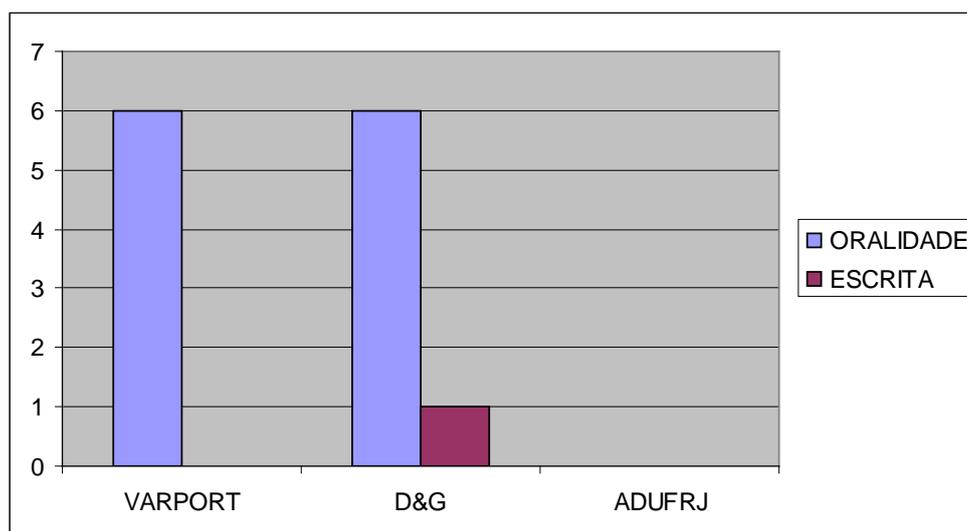


Gráfico 4: Usos de *tipo* distribuídos nos corpora e pelas modalidades linguísticas

Embora o gráfico 4 confirme a hipótese de Casseb-Galvão & Lima-Hernandes (2007) de que o uso de *tipo* caracteriza prototipicamente a língua falada, já se encontram usos desse item com função de conector também no âmbito da língua escrita.

De acordo com o Funcionalismo, o conceito de função está diretamente relacionado à finalidade com que um vocábulo é utilizado na língua e o papel que ele exerce na interação. Desta forma, ao se afirmar que *feito*, *igual* e *tipo* sofreram um processo de gramaticalização e passaram a desempenhar novas funções, significa aceitar que esses itens adquiriram novos papéis dentro do contexto comunicativo.

Os usos desses itens como conectores, mesmo que ainda esteja mais restrito ao âmbito da fala, permite que se alerte para o fato de o ensino de Língua Portuguesa desconsiderar os usos efetivamente produzidos pelos falantes em situações reais de comunicação, ignorando, pois, a língua como um instrumento de interação.

Entende-se por conector a palavra ou expressão que conecta, isto é, “liga” partes de orações, cláusulas, períodos inteiros e, até, fragmentos de texto maiores que uma sentença, estabelecendo uma relação semântica ou pragmática entre os elementos ligados. Tal nomenclatura é mais adequada do que simplesmente utilizar-se o conceito de conjunção para englobar os itens que promovem a articulação de cláusulas ou de porções maiores de texto.

Defende-se, aqui, portanto, a hipótese de que *feito*, *igual* e *tipo* poderiam integrar o rol de conjunções subordinativas comparativas da Língua Portuguesa e que estariam passando pelo processo de gramaticalização.

Gramaticalização é o processo que envolve mudança de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que implica, por sua vez, mudança de seu *status* categorial. Como paradigma, a gramaticalização se atém ao modo como as formas e as construções gramaticais surgem e ao modo como são usadas.

Assim, tomando-se por base a perspectiva funcionalista, pode-se entender melhor o(s) uso(s) de *feito*, *igual* e *tipo* como conectores comparativos, pois, segundo essa perspectiva, tal(is) uso(s) são vistos como um meio de “suprir” determinadas necessidades dentro da estrutura da língua, como, por exemplo, uma maior variedade de conectores para expressar relação entre itens ou cláusulas em diferentes contextos comunicativos. Com o objetivo de preencher determinados vazios, o falante utiliza-se de “velhas” estruturas para estabelecer uma nova função dentro da língua, caracterizando o processo de gramaticalização, já elucidado.

Observem-se os exemplos a seguir:

(11) *menina o fogão era de lenha ((interrup.)) quando a gente foi lá era uma coisa horrorosa... agora eu não sei se era... se tinha um outro gás... e eu também não sei se já tinha um gás como era na nossa casa ou se era...[feito gásbras...] bujão de gás... sabe...eu tenho a impressão que era bujão de gás... agora a minha avó ainda é daquele tempo de achar que certas comidas só::: com fogaREIro... sabe como é que é? abanando com aquele leque... aquele que não... aquela ventarola... sabe... a minha avó ainda é desse tipo...*

maionese só feita à mão né... biscoi/ ela fazia pão em casa... não comprava pão não... pão feito em casa né...

Reescritura: tinha um gás como era na nossa casa ou era... [**como** gásbras... (era)]

(12) *I: aí... foram lá todos eles lá pra praia... aí teve uma hora que... veio uma onda muito alta... muito alta mesmo... aí... eh... essa onda... estava puxando ela... fez [tipo um rodaminho...] ela ficou lá rodando lá no rodaminho... aí depois... eh... um home/ um menino lá... salvou ela... o salva-vidas...*

Reescritura: essa onda estava puxando ela fez [**como** um rodaminho... (fez)]

(13) *mas aquilo é uma é uma beleza pra gente né e quando a gente está sentado lá conforme agora está aqui lá não tem banheiro não tem nada está igual isso aqui está [igual uma piscina bonita] dá até pra levar a senhora lá levava lá*

Reescritura: lá não tem banheiro não tem nada está igual isso aqui está [**como** uma piscina bonita (está)]

Em (11), *feito* funciona como conjunção porque liga a oração comparativa com elipse do verbo *ser* - *feito gásbras (era)* a *como era na nossa casa* – cláusula principal. *Feito* como verbo ou palavra lexical plena desenvolve a função de conjunção, um vocábulo gramatical. Em (12), *é tipo* em *tipo um rodaminho (fez)*, novamente com verbo elíptico, que assume a função de conjunção, ao se conectar a *ela fez*. O substantivo *tipo*, também palavra lexical plena, passa a funcionar como conjunção, palavra gramatical. Já em (13), *igual* em *igual a uma piscina (é)*, originariamente adjetivo, palavra lexical plena, passa a desempenhar a função de conjunção, palavra gramatical. Nota-se, que em todos os casos, é possível a reescritura com o emprego do conector prototípico da comparação e que há cotejo de dois elementos. Em (11), compara-se o *gás* ao *gásbras*, em (12), a *onda* ao *rodaminho*, em (13), *isso aqui* a *piscina bonita*. Esse tipo de mudança implica alterações morfológicas, já que houve migração de uma classe gramatical para outra em todos as formas dadas por força do uso; semânticas, isto é, mudança de sentido, porque os itens adquiriram o conteúdo de comparação em detrimento de seus sentidos primários e sintáticas, ou seja, mudança de contexto e funções nas relações entre palavras. Alterações como essas podem ser explicadas à luz do conceito de gramaticalização, conforme já visto, processo que leva itens lexicais e construções sintáticas a assumirem (novas) funções referentes à organização interna do discurso.

Sendo assim, ratifica-se que, aos propósitos deste estudo, interessa a análise das construções comparativas enumeradas antes, em cotejo com aquelas descritas pela tradição, principalmente, no que tange ao uso(s) da(s) conjunção(ões).

Com base na análise qualitativa de 88 (oitenta e oito) dados reais de Língua Portuguesa, pode-se reiterar o processo de gramaticalização sofrido pelos itens *feito*, *igual* e *tipo* – vocábulos que, originalmente, se incluem na classe de palavras dos verbos, adjetivos e substantivos, respectivamente, e que passam a funcionar como conjunções subordinativas comparativas em determinados contextos comunicativos.

Os usos desses itens como conectores, mesmo que ainda esteja mais restrito ao âmbito da fala, permite que se alerte para o fato de o ensino de Língua Portuguesa desconsiderar os usos efetivamente produzidos pelos falantes em situações reais de comunicação, ignorando, pois, a língua como um instrumento de interação.

Some-se a isso, ainda, o fato de contribuir para uma descrição mais detalhada de diferentes construções em Português que podem estabelecer a relação de comparação.

Referências bibliográficas

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Conjunções: aspectos de sua constituição e funcionamento na história do português*. Salvador, Universidade Federal da Bahia/Pós-Graduação em Letras, 1992. Dissertação de Mestrado. 2 Vol.

----- . *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: UFBa, 1999. Tese de Doutorado. 2 vol.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina & LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Gramaticalização e ensino. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et alii (org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 157-195.

- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DECAT, Maria Beatriz N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In.: DECAT, Maria Beatriz N. et alii (org.). *Aspectos da gramática do português*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo, UNESP, 2000.
- RODRIGUES, Violeta Virginia. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2001. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.